
CAPÍTULO 7

Rachel de Carvalho Pinto Escobar Silvestre¹

As atividades aqui propostas foram elaboradas para alunos do nono ano do Ensino Fundamental II e abordam tópicos relativos ao conteúdo previsto nesta série, como tipologia textual, figuras de linguagem e orações subordinadas adjetivas. Para tanto, lançamos mão do conceito de letramento, já que desejamos que o aluno seja capaz de estabelecer relações entre conceitos e, ainda, que seja capaz de aplicá-los.

Conforme pontua Marcuschi (2007), o letramento refere-se às práticas discursivas que fazem uso da leitura e da escrita. Nesse sentido, quando se fala em letramento, é importante ter em mente que existe não apenas um, mas vários letramentos, ou seja, existem níveis de letramento que abrangem desde o domínio mais básico ao mais complexo dessas práticas discursivas.

Segundo o linguista (cf. Marcuschi, 2007, p. 35),

Letramento é uma expressão que hoje vem se especializando para apontar os mais variados modos de apropriação, domínio e uso da escrita como prática social e não como uma simples forma de representação gráfica da língua. O letramento volta-se

¹ Mestre em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e atualmente aluna de Doutorado na mesma instituição.

para os usos e as práticas, e não especificamente para as formas, envolve inclusive todas as formas visuais, como fotos, gráficos, mapas e todo tipo de expressão visual e pictográfica (...).

Além disso, como a Base Nacional Curricular (BNCC) tem passado por algumas mudanças, a nossa proposta vai ao encontro daquilo que é esperado pela BNCC, já que procuramos realizar um trabalho em que o ensino de gramática seja voltado para o texto. Texto aqui entendido como uma unidade de sentido que possui caráter social, como uma sequência de atos de linguagem em que produção e recepção são responsáveis pela formação de sentido. Segundo Bernárdez (1982),

Texto é unidade linguística comunicativa fundamental, produto de uma atividade verbal humana, que possui sempre caráter social, está caracterizado por seu campo semântico e comunicativo, assim por sua coerência profunda e superficial, devida à intenção (comunicativa) do falante em criar um texto íntegro, e à sua estruturação mediante os conjuntos de regras: as próprias de nível textual e as do sistema da língua.” (Bernárdez, 1982, p. 85)

Com base na noção de texto antes mostrada, nossas atividades didáticas foram elaboradas em torno de dois textos: o texto I configura uma crônica e o texto II é uma poesia trovadoresca. Optou-se pela crônica por esta ser um gênero textual acessível e que apresenta uma visão crítica de algum fato. Escolheu-se, também, a poesia trovadoresca por ser uma forma de permitir ao aluno a experiência de ter contato com um texto de diacronia diferente da sua e, ainda, para permitir a ele comparar as diferentes estruturas que constituem ambos os textos.

Nesse sentido, nossa proposta vai ao encontro do que estabelece a BNCC:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BNCC, 2018, p. 65-66)

Além disso, no que se refere à leitura de textos em Língua Portuguesa, a BNCC é bastante clara quando afirma que um dos objetivos relacionados ao eixo da leitura é que o aluno seja capaz de

Relacionar o texto com suas condições de produção, seu contexto sócio histórico de circulação e com os projetos de dizer: leitor e leitura previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas em jogo, papel social do autor, época, gênero do discurso e esfera/campo em questão etc. (BNCC, 2018, p. 70).

Ainda no que tange às sete atividades propostas, a contextualização foi um fator aplicado a todas as questões. Marcuschi (2008, p. 82) afirma que o contexto é fonte de sentido e, portanto, mantém relações com o texto. Essas relações são estabelecidas entre o texto e sua situacionalidade. Não se produz texto nem se entende um texto considerando apenas a linguagem, conforme as considerações do autor. Portanto, o contexto tem um papel importante no que diz respeito à textualidade – atribui sentido ao texto, através das relações situacionais, históricas e sociais, por exemplo.

De acordo com Sperber e Wilson (1986, p. 109 e ss.), o contexto promove a interação entre informações velhas e novas. Dessa forma, surge uma implicação que se torna admissível por existir uma conexão entre texto e contexto. Devido a essa interação promovida pelo contexto, as atividades foram, assim, pensadas para que o aluno seja capaz de relacionar informações já dadas com informações novas e também para poder refletir sobre elementos não apenas linguísticos como também extralinguísticos.

PROPOSTA DE ATIVIDADES

Faça uma leitura atenta dos textos a seguir, de Rubem Braga e de Fernando Pessoa. Rubem Braga, escritor brasileiro e contemporâneo de Fernando Pessoa, é considerado um dos melhores cronistas brasileiros. Fernando Pessoa, escritor português, é, por sua vez, considerado um grande nome da literatura lusófona. Ambos os autores escreveram um texto sobre o mesmo tema.

Leia tais textos e depois responda o que se pede.

TEXTO I

Mar

A primeira vez que vi o mar eu não estava sozinho. Estava no meio de um bando enorme de meninos. Nós tínhamos viajado para ver o mar. No meio de nós havia apenas um menino que já o tinha visto. Ele nos contava que havia três espécies de mar: o mar mesmo, a maré, que é menor que o mar, e a marola, que é menor que a maré. Logo a gente fazia ideia de um lago enorme e duas lagoas. Mas o menino explicava que não. O mar entrava pela maré e a maré entrava pela marola. A marola vinha e voltava. A maré enchia e vazava. O mar às vezes tinha espuma e às vezes não tinha. Isso perturbava ainda mais a imagem. Três lagoas mexendo, esvaziando e

enchendo, com uns rios no meio, às vezes uma porção de espumas, tudo isso muito salgado, azul, com ventos.

Fomos ver o mar. Era de manhã, fazia sol. De repente houve um grito: o mar! Era qualquer coisa de largo, de inesperado. Estava bem verde perto da terra, e mais longe estava azul. Nós todos gritamos, numa gritaria infernal, e saímos correndo para o lado do mar. As ondas batiam nas pedras e jogavam espuma que brilhava ao sol. Ondas grandes, cheias, que explodiam com barulho. Ficamos ali parados, com a respiração apressada, vendo o mar...

Depois o mar entrou na minha infância e tomou conta de uma adolescência toda, com seu cheiro bom, os seus ventos, suas chuvas, seus peixes, seu barulho, sua grande e espantosa beleza. Um menino de calças curtas, pernas queimadas pelo sol, cabelos cheios de sal, chapéu de palha. Um menino que pescava e que passava horas e horas dentro da canoa, longe da terra, atrás de uma bobagem qualquer – como aquela caravela de franjas azuis que boiava e afundava e que, afinal, queimou a sua mão... Um rapaz de quatorze ou quinze anos que nas noites de lua cheia, quando a maré baixa e descobre tudo e a praia é imensa, ia na praia sentar numa canoa, entrar numa roda, amar perdidamente, eternamente, alguém que passava pelo areal branco e dava boa-noite... Que andava longas horas pela praia infinita para catar conchas e búzios crespos e conversava com os pescadores que consertavam as redes. Um menino que levava na canoa um pedaço de pão e um livro, e voltava sem estudar nada, com vontade de dizer uma porção de coisas que não sabia dizer – que ainda não sabe dizer.

Mar maior que a terra, mar do primeiro amor, mar dos pobres pescadores maritimbas, mar das cantigas do catambá, mar das festas, mar terrível daquela morte que nos assustou, mar das tempestades de repente, mar do alto e mar da praia, mar de pedra e mar do mangue... A primeira vez que saí sozinho numa canoa parecia ter montado num cavalo bravo e bom, senti força e perigo, senti orgulho de embicar numa onda um segundo antes da arrebentação. A primeira vez que estive quase morrendo afogado, quando a água batia na minha cara e a corrente do “arrieiro” me puxava para fora, não gritei nem fiz gestas de socorro; lutei sozinho, cresci dentro de mim mesmo. Mar suave e oleoso, lambendo o batelão. Mar dos peixes estranhos, mar virando a canoa, mar das pescarias noturnas de camarão para isca. Mar diário e enorme, ocupando toda a vida, uma vida de bamboleio de canoa, de paciência, de força, de sacrifício sem finalidade, de perigo

sem sentido, de lirismo, de energia; grande e perigoso mar fabricando um homem...

Este homem esqueceu, grande mar, muita coisa que aprendeu contigo. Este homem tem andado por aí, ora aflito, ora chateado, dispersivo, fraco, sem paciência, mais corajoso que audacioso, incapaz de ficar parado e incapaz de fazer qualquer coisa, gastando-se como se gasta um cigarro. Este homem esqueceu muita coisa mas há muita coisa que ele aprendeu contigo e que não esqueceu, que ficou, obscura e forte, dentro dele, no seu peito. Mar, este homem pode ser um mau filho, mas ele é teu filho, é um dos teus, e ainda pode comparecer diante de ti gritando, sem glória, mas sem remorso, como naquela manhã em que ficamos parados, respirando depressa, perante as grandes ondas que arrebatavam – um punhado de meninos vendo pela primeira vez o mar...

Julho de 1938

BRAGA, Rubem. “Mar”. In: _____. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

TEXTO II

Mar Português

(Fernando Pessoa)

Ó mar salgado, quanto do teu sal

São lágrimas de Portugal!

Por te cruzarmos, quantas mães choraram,

Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar

Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena

Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador

Tem que passar além da dor.

Deus ao mar o perigo e o abismo deu,

Mas nele é que espelhou o céu.

Fonte: <http://www.cfh.ufsc.br/~magno/mensagem.htm>.

- 1) A partir da leitura da crônica de Rubem Braga e do poema de Fernando Pessoa, percebe-se que, embora distintos – um é poesia e o outro é prosa – os dois textos apresentam algo em comum, abordam o mesmo tema.
 - a) Identifique que tema é esse.
 - b) Explique as diferenças estruturais de cada texto, discorrendo sobre as características de cada um.

- 2) Os tipos textuais, segundo Marcuschi (2008), se caracterizam por elementos de natureza linguística na construção do texto. Esses aspectos podem ter predominância de classes morfológicas, certos vocábulos, tempos/modos verbais, relações lógicas-semânticas (conjunções). Em geral, os tipos textuais pertencem a um grupo fechado de cinco categorias: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. Num texto narrativo predomina a sequência temporal; no texto descritivo, a sequência de localização; no expositivo, as sequências analíticas ou explicativas; nos argumentativos, as contrastivas explícitas; nos injuntivos, as imperativas.
 - a) Identifique que tipos de sequências textuais predominam e podem ser observadas no texto I.
 - b) Exemplifique as sequências textuais identificadas com trechos dos textos.

- 3) O texto poético de Fernando Pessoa apresenta algumas figuras de linguagem, como metáfora, hipérbole e pleonasma. O pleonasma se caracteriza pelo uso repetitivo de um conceito, conferindo força expressiva ao discurso. Identifique no texto II um exemplo de pleonasma.

- 4) As orações subordinadas adjetivas, segundo a nomenclatura adotada nas gramáticas tradicionais, são orações que têm valor de adjetivo, pois, normalmente, modificam um termo presente na oração principal. Deste modo, exercem função sintática de adjunto adnominal e são introduzidas por um pronome relativo. Além disso, são classificadas em restritivas e explicativas. As restritivas modificam um nome antecedente e não se separam deste

por vírgula e as explicativas comentam algo sobre esse nome e se separam dele por vírgula.

- a) Retire do texto I uma oração subordinada adjetiva e a classifique em restritiva ou em explicativa.
 - b) Os pronomes relativos, além de conectar orações, possuem função sintática de sujeito e objeto, por exemplo, na oração em que estão. De acordo com sua resposta dada em (a), identifique a função sintática que o pronome relativo desempenha na oração adjetiva.
- 5) O nome ao qual o pronome relativo da oração subordinada adjetiva se refere é chamado de antecedente.
- a) Com base em sua resposta da questão anterior, identifique o antecedente da oração subordinada adjetiva.
 - b) A presença ou a ausência da vírgula antes da oração adjetiva pode ajudar a especificar ou não o seu antecedente. Responda: qual a relação de sentido (função textual) da oração adjetiva que você identificou no texto?
- 6) O mesmo vocábulo **que**, na língua portuguesa, pode assumir diferentes comportamentos sintáticos ao conectar orações dentro do período composto, como (a) conjunção integrante nas orações subordinadas substantivas; (b) conjunção subordinativa nas orações subordinadas adverbiais; e (c) pronome relativo nas orações subordinadas adjetivas.
- a) Retire do texto I uma oração que seja introduzida pelo vocábulo **que** em que ele não seja um pronome relativo.
 - b) Indique com que vocábulo a oração subordinada que você identificou no item (a) se relaciona.

- 7) Tradicionalmente, o conector **para** é introdutor de orações subordinadas adverbiais finais, por expressar um objetivo, um resultado, uma finalidade. Retire dos textos I e II orações que expressem essa mesma relação finalidade.

SUGESTÃO DE RESPOSTAS

1)

- a) O elemento é o MAR. No texto I, é o objeto de contemplação do narrador e é a partir disto que se inicia a narrativa. No texto II, o mar é o causador dos desgostos, dos naufrágios ocorridos em Portugal, com as Grandes Navegações.
- b) O texto I é uma crônica e é escrito em prosa, ou seja, emprega uma linguagem mais objetiva, sem musicalidade, por exemplo. O texto II é uma poesia, pertencente ao gênero lírico, carregada de musicalidade e dotada de ritmo e linguagem subjetiva, conotativa.

2)

- a) Narrativa e descritiva.
- b) Trecho narrativo: *“A primeira vez que vi o mar eu não estava sozinho. Estava no meio de um bando enorme de meninos. Nós tínhamos viajado para ver o mar.”*

Trecho descritivo: *“Três lagoas mexendo, esvaziando e enchendo, com uns rios no meio, às vezes uma porção de espumas, tudo isso muito salgado, azul, com ventos. (...)”*

3)

“Ó mar salgado, quanto do teu sal”.

4)

- a) No meio de nós havia apenas um menino que já o tinha visto. Oração subordinada adjetiva restritiva.
- b) Objeto direto.

5)

a) Um menino.

b) A oração subordinada adjetiva restritiva particulariza o sentido da palavra “menino”, ou seja, é um menino específico. Isto é, não se refere a todos os meninos, mas, sim, a um único menino que estava no meio dos outros meninos que ali estavam.

6)

a) A oração é “*que havia três espécies de mar.*”

b) A oração “*que havia três espécies de mar*” estabelece relação com o verbo *contava* e é seu complemento, comportando-se como objeto direto. Por isso, chama-se oração subordinada substantiva objetiva direta.

7)

Texto I: “*para ver o mar*”.

Texto II: “*Para que fosses nosso, ó mar!*”

REFERÊNCIAS

BERNÁRDEZ, Enrique. **Introducción a la lingüística del texto**. Madrid: Espasa-Calpe, 1982.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <<http://base-nacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>> Acesso em: 08 jan. 2019.

MARCUSCHI, Luiz A. **Linguística textual: o que é e como se faz**. Recife, UFPE. Séries DEBATES.V1, 1983.

_____. Compreensão de texto: algumas reflexões. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). (2001) **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna.

_____; DIONÍSIO, Angela Paiva. **Fala e escrita**. 1. ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SPERBER, D. e WILSON, D. **Relevance: communication and cognition**. Oxford: Blackwell, 1986/1995.

